

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GIOVANA MARTINS RESENDE

VARIAÇÃO DOS PRONOMES *TU X VOCÊ*, NA FALA BAGEENSE

**Bagé
2023**

GIOVANA MARTINS RESENDE

VARIAÇÃO DOS PRONOMES *TU X VOCÊ*, NA FALA BAGEENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: profa. Dra.Helen Cristina da Silva

**Bagé
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca
do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R433v Resende, Giovana
Variação dos pronomes tu x você, na fala bageense / Giovana
Resende.
45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Helen Silva".

1. Variação pronominal. 2. Tu e você. 3. Fala bageense. 4.
Sociolinguística. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

GIOVANA MARTINS RESENDE

VARIAÇÃO DOS PRONOMES *TU X VOCÊ*, NA FALA BAGEENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15 de dezembro e 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Helen Cristina da Silva
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Taíse Simioni
(UNIFAL)

Prof. Dr. Nathan Bastos de Souza
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **HELEN CRISTINA DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 22:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **NATHAN BASTOS DE SOUZA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/12/2023, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Táise Simioni, Usuário Externo**, em 21/12/2023, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1337616** eo código CRC **127F9DF0**.

Referência: Processo nº 23100.025995/2023-93 SEI nº 1337616

Dedico este trabalho à minha querida e inesquecível avó Vanisa. Saudades.

AGRADECIMENTO

A Deus, por tudo.

Aos meus pais, Luis Marcelo e Cristiana pelo suporte e incentivo.

Ao meu namorado Eduardo pelo apoio e compreensão.

Aos meus familiares, que sempre acreditaram em mim.

Aos meus amigos pelo apoio.

A Prof. Dra. Helen Cristina da Silva por me auxiliar durante todo o percurso deste trabalho.

Aos meus informantes que aceitaram participar da pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral verificar o uso das variantes dos pronomes de 2ª pessoa do singular *tu* e *você*, na posição de sujeito, na fala de Bagé-RS. Além disso, pretendemos verificar se há influência dos fatores externos idade, sexo, escolaridade, bem como do contexto formal *versus* informal quanto ao uso desses pronomes e investigar, a partir do nível da consciência sociolinguística dos falantes, quais podem ser os motivos que os levam a escolher determinado pronome. Para isso, com base nos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística (LABOV, 1972), realizamos uma pesquisa com oito informantes, sendo quatro homens e quatro mulheres, naturais do município, estratificados da seguinte forma: duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos) e dois níveis de escolaridade (Ensino Fundamental Completo e Ensino Superior (completo ou em curso)). Dentre os resultados, verificamos que as variáveis sociais adotadas não se mostraram relevantes nesta pesquisa, pois o pronome *tu* foi predominante na fala de todos os informantes. No entanto, constatamos que há entre eles uma norma subjetiva que considera o pronome *você* como aquele a ser utilizado em momentos mais formais.

Palavras-Chave: variação pronominal; tu e você; fala bageense; Sociolinguística.

ABSTRACT

This work has the general objective of verifying the use of variants of the 2nd person singular pronouns *tu* and *você*, in the subject position, in Bagé-RS speech. Furthermore, we intend to verify whether there is an influence of the external factors age, sex, education, as well as the formal versus informal context regarding the use of these pronouns and investigate, based on the level of sociolinguistic awareness of the speakers, what the reasons may be that lead them to use these pronouns. to choose a certain pronoun. To this end, based on the theoretical-methodological assumptions of Sociolinguistics (LABOV, 1972), we carried out a survey with eight informants, four men and four women, born in the municipality, stratified as follows: two age groups (18-30 years old and 50-65 years old) and two levels of education (Complete Elementary Education and Higher Education (completed or ongoing)). Among the results, we found that the social variables adopted, in this research, did not prove to be relevant, as the pronoun *tu* was predominant in the speech of all informants. However, we found that there is a subjective norm among them that considers the pronoun *you* as the one to be used in more formal moments.

Keywords: pronoun variation; *you* and *tu*; speaks Bageense; Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carta 44 do ALERS (formas de tratamento do informante com seu irmão/vizinho)	24
Figura 2 – Carta 47 do ALERS (formas de tratamento do informante com o prefeito de seu município)	25
Figura 3 – Carta M02 do ALiB: <i>tu</i> e <i>você</i> , nas capitais	29
Figura 4 – Gráfico 1 - Uso geral das formas pronominais	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características dos informantes entrevistados	29
Tabela 2 – Contextos formais <i>versus</i> informais da etapa 2 do questionário	30
Tabela 3 – Número de ocorrências dos três pronomes nas etapas do questionário	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil

ALERS - Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	Trajetória da Sociolinguística	14
2.2	Norma(s) linguística(s)	17
2.3	Definições gramaticais de pronomes	19
2.4	Percurso histórico dos pronomes pessoais de segunda pessoa	21
2.5	Estudos dialetológicos e sociolinguísticos sobre os pronomes <i>tu</i> e <i>ocê</i>	24
3	METODOLOGIA	31
4	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	34
5	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo verificar o uso das variantes dos pronomes de 2ª pessoa do singular *tu* e *você*, na posição de sujeito, na fala de Bagé. Além disso, em relação aos objetivos específicos, pretendemos verificar se há influência dos fatores externos idade, sexo, escolaridade, bem como do contexto formal *versus* contexto informal quanto ao uso desses pronomes e investigar, a partir do nível da consciência sociolinguística dos falantes, quais podem ser os motivos que os levam a escolher o pronome a ser utilizado.

Esta pesquisa, amparada por estudos da área (LOREGIAN-PENKAL, 2004; MOTA, 2008; COSTA, 2013 e SCHERRE et al, 2015) baseia-se nas seguintes hipóteses quanto ao uso dos pronomes *tu* e *você*, em posição de sujeito, na fala bageense: i) os falantes mais escolarizados utilizam o pronome *você* com mais frequência, se comparados aos menos escolarizados, pois o concebem como a forma mais “correta”; ii) as mulheres quando comparadas aos homens utilizam mais o pronome *você*, tendo em conta, segundo os princípios da Sociolinguística Laboviana, a maior preocupação que, em geral, têm com a fala culta; iii) o pronome *você* recorre mais em contextos formais, o pode ser explicado pelas crenças e atitudes linguísticas dos falantes que estão, por sua vez, ligadas à norma subjetiva da língua e iv) os falantes da primeira faixa etária utilizam mais o pronome *tu*, se comparados aos da segunda faixa etária, conforme apontam outros estudos da área.

A justificativa para verificar o uso das variantes *tu x você*, na posição de sujeito, na fala de bageenses, reside no interesse de identificar quais fatores externos podem ser responsáveis pela escolha de uma em detrimento da outra, ou seja, o que leva os falantes a escolherem determinada variante linguística na hora da comunicação. As hipóteses já mencionadas serão confirmadas ou refutadas a partir de uma pesquisa sociolinguística feita com falantes da cidade de Bagé-RS.

Vale citar que o interesse por este estudo, também, surgiu a partir de um projeto desenvolvido, sobre essa temática, para o componente *Estudos de Variação e Mudança Linguística*, cursado pela autora durante a graduação. Ademais, outro fator motivador desta pesquisa partiu de uma experiência da autora, ao ouvir de uma colega de trabalho, professora de uma escola de Educação Infantil, que ensinava as crianças a utilizarem o pronome o *você*, pois ela o considerava a forma mais “correta”.

Para além de atender a essas inquietações, a relevância deste estudo se ampara na carência de pesquisas sobre a fala de Bagé, pois, apesar de existirem outros trabalhos com esta temática, após buscas realizadas na internet, não foi encontrada nenhuma pesquisa específica da fala bageense no que diz respeito a este assunto. Portanto, além de entender os fatores que levam a alternância desses pronomes na fala do município, este estudo contribuirá para trabalhos futuros sobre o tema e, como consequência, para o ensino da língua portuguesa pautado numa perspectiva que concebe a variação como característica inerente do sistema linguístico, desconstruindo, dessa forma, o mito do “certo *versus* errado” e, conseqüentemente, contribuindo para com a diminuição do preconceito linguístico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho divide-se em cinco partes. A primeira versa sobre algumas questões fundamentais da Sociolinguística. A segunda parte trata das noções de norma na língua e de suas respectivas implicações. Em seguida, são apresentadas definições gerais da categoria gramatical dos pronomes. A quarta parte traz um breve percurso histórico sobre os pronomes *você* e *tu*. Por fim, na quinta parte, são trazidos estudos dialetológicos e sociolinguísticos que abordam essa temática.

2.1 TRAJETÓRIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Como é sabido, o estudo da língua, a partir dos estudos de Ferdinand Saussure (1916, p.23), passou por diversas fases de amadurecimento científico a partir do século XX. Para o mestre genebrino, representante da corrente linguística estruturalista, a língua era entendida como “um sistema de natureza homogênea, constituído de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”.

Já, para Noam Chomsky, representante do gerativismo, a língua é concebida como “um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças, derivado do estado inicial da faculdade da linguagem, um componente inato à espécie humana” (COELHO *et al*, p.56). Em suma, para essas duas correntes formalistas, a língua é entendida e estudada como um sistema homogêneo e abstrato, ou seja, que não varia, que não leva em conta os aspectos sociais, externos ao sistema.

Em 1996, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, durante o simpósio *Direções para a Linguística Histórica*, propuseram um debate sobre a mudança linguística e as suas motivações. Para isso, eles resgataram as ideias propostas por Hermann Paul, Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, criticando alguns pontos de cada corrente linguística e obtendo novas conclusões sobre a língua. É a partir disso que o trio de linguistas apresenta a Sociolinguística ao mundo.

A Sociolinguística assume algumas nomenclaturas a depender do foco da pesquisa. Assim, temos a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Laboviana por ter William Labov, linguista norte-americano, como principal representante; a Sociolinguística Quantitativa, termo que se refere à sua característica de trabalhar com um grande número de dados, quantificando-os e

analisando-os estatisticamente e a Teoria da Variação e Mudança Linguística, já que essa área trata tanto da variação linguística, quanto da mudança linguística que aquela pode acarretar.

Em outros termos, trata-se de “uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO et al, p.12). Dessa forma, para a Sociolinguística, diferentemente das abordagens estruturalista e gerativista, a língua varia e essa variação ocorre devido a fatores sociais e internos.

Dentro da sua teoria e metodologia, a Sociolinguística adota alguns termos importantes para o seu entendimento e estudo, a saber: variante(s), variável(eis), regras categóricas, consciência sociolinguística, norma, dentre outros. Dado o espaço físico de que dispomos, não é possível discorrer sobre cada conceito de forma aprofundada. No entanto, entendemos ser necessária a apresentação, mesmo que breve, de alguns deles.

Segundo Tarallo (1986, p.08) “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. Ou seja, são consideradas variantes somente aquelas formas que tiverem o mesmo valor referencial/representacional. Vale ressaltar que a Sociolinguística, embora tenha como foco a relação dos fatores sociais com a língua, entende esta como um sistema organizado, isto é, apesar de haver variação, possui regras. Sendo assim, embora haja a influência de fatores externos como idade, região ou escolaridade, no momento da comunicação as pessoas, que compartilham do mesmo idioma, se entenderão perfeitamente dada a sua competência comunicativa.

Quanto às regras citadas, existem dois tipos: as categóricas (são aplicadas sempre da mesma forma) e as variáveis. Estas últimas são condicionadas por fatores externos/extralinguísticos como região, idade, contexto, escolaridade, sexo/gênero e nível socioeconômico, dentre outros e por fatores internos/linguísticos (que ocorrem dentro da língua) como, por exemplo, a organização sintática dos constituintes. Isso posto, a variação linguística não acontece por acaso, pois existem condicionadores dentro e fora da língua responsáveis por esse processo.

Para Cezario e Votre (2015) existem três tipos básicos de variação linguística, a saber: i) a variação regional, que diz respeito às diferenças linguísticas entre cidades, regiões e estados do mesmo país e, até mesmo, entre países diferentes; ii) a variação social, associada ao nível socioeconômico do falante, também compreende

outras variáveis como, por exemplo, idade, grau de escolaridade, sexo, entre outros e, por fim, iii) a variação de registro, ligada ao contexto ou ao grau de intimidade em que o falante se encontra.

É importante mencionar que as variáveis, tanto externas quanto internas, não influenciam isoladamente a língua. Há na verdade, uma interação de fatores entre os tipos de variáveis. Um exemplo dessa interação e que envolve o objeto do presente estudo é oferecido pelos autores Cezario e Votre (2015, p.145). Vejamos:

um exemplo em que podemos ver a atuação dos três tipos de variável independente é o caso de “tu” vs. “você” com o verbo na terceira pessoa do singular: “tu fez”, “tu quer”. Do ponto de vista regional, podemos dizer que há cidades, como o Rio de Janeiro, que apresentam tanto a variante “você” quanto a variante “tu”; a variável idade aponta para a preferência de jovens pelo uso de “tu”, e a variável escolaridade associa com os menos escolarizados; já a variável registro mostra que o pronome “tu” tende a ser usado nos momentos mais informais.

Além disso, atua, na escolha do falante, a consciência sociolinguística que ele tem, já que esta é a responsável pelas suas crenças e atitudes diante da língua. Segundo Freitag (2021, p.02), a consciência sociolinguística é “um conhecimento explícito que emerge de experiências agregadas de reconhecer as diferenças linguísticas no momento da interação”. Dito de outra forma, é por meio dessa consciência que os falantes compreendem e relacionam as variações linguísticas às questões sociais que as rodeiam, sejam elas de caráter regional, contextual, estilístico e assim por diante. Ainda para a autora, com base em Piper (2003):

Todos os falantes de uma língua desenvolvem uma consciência de língua (*language awareness*), uma gama de conhecimentos específicos sobre a língua: no primeiro nível, estrutura e gramática; no segundo, conhecimento sobre os aspectos sociais de uma língua, incluindo variação linguística, variabilidade no ajuste entre falante e audiência, intenções do falante e *code-switching* (consciência sociolinguística); no terceiro nível, envolve o conhecimento sobre como a língua pode ser deliberadamente manipulada para efeitos persuasivos; e no quarto nível, o nível da consciência crítica da língua envolve o reconhecimento de como padrões sociais e discursivos são mutuamente constitutivos, e como os falantes estão amplamente imersos e condicionados por estes padrões linguísticos da comunidade. (FREITAG, 2021, p.03)

Freitag (2021, p.03), ainda, ressalta que “todos os falantes, em algum momento, mobilizam a consciência sociolinguística ao tentar explicar por que uma pessoa fala diferente”, ou seja, buscam estabelecer causas/relações/motivos sociais entre o indivíduo e a variedade linguística que ele usa. Para tanto, são levantados vários aspectos, de um lado, aqueles atrelados à consciência sociolinguística popular, ou seja, “as explicações, explanações e as crenças sobre as relações entre língua e contexto social feitas por não especialistas”; de outro, aqueles ligados à “força do prescritivismo, conjunto de práticas metalinguísticas normativas, com foco no valor de correção, no uso “correto”, de acordo com a norma codificada na gramática”.

Em suma, a Sociolinguística nos possibilita a identificação e o entendimentos dos motivos que levam os indivíduos a usar e se posicionar diante de determinada variante linguística em detrimento de outra. Um exemplo é o uso dos pronomes *tu* e *você* para se referir a segunda pessoa do discurso (P2), tema da presente pesquisa.

2.2 NORMA(S) LINGUÍSTICA(S)

É sabido que vivemos em uma sociedade repleta de preconceitos, seja pela cor, pela orientação sexual, pelo sexo, dentre outros. Com a língua, isso não é diferente. Na sociedade, algumas variantes são menos aceitas que outras, pois são consideradas inferiores e inadequadas e, por isso, acabam recebendo um valor distinto. O resultado desses julgamentos é o preconceito linguístico, visto que se trata de uma parcela da comunidade que se acha superior em relação ao restante por falar da forma que considera "correta". Um dos motivos que leva a esse resultado reside na confusão, inadvertida, instaurada social e historicamente, entre os conceitos de "certo" e "errado" e entre as chamadas variantes padrão e não padrão. Segundo Coelho et al., (2015, p.18):

as variantes padrão são, *grosso modo*, as que pertencem às *variedades culta* da língua; já as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades [...] a variante padrão é, em geral, a variante **de prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** - pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser **inovadoras**.

Ou seja, dentre as diversas variantes que existem, algumas são aceitas e privilegiadas, enquanto outras são desprestigiadas por se afastarem da norma utilizada pela parcela da sociedade considerada como culta.

Em geral, os estudos sociolinguísticos apontam que as formas conservadoras, isto é, aquelas que estão há mais tempo na língua, tendem a ser as mais prestigiadas na sociedade; já, as formas inovadoras, aquelas que indicariam os fatores estruturais, possivelmente, favorecedores do processo de mudança linguística, são, na maior parte das vezes, desprestigiadas por um tempo até se estabelecerem totalmente no sistema linguístico.

Levando isso em conta, as variantes *tu* e *você* parecem seguir padrões um pouco distintos. O pronome *tu*, por exemplo, teoricamente, é mais conservador, dada a sua existência mais antiga na língua, conforme apontam os estudos da área, bem como as gramáticas tradicionais. No entanto, conforme apresentamos na seção que trata dos resultados dessa pesquisa, parece haver, em contextos mais formais, uma preferência dos falantes pela forma *você* que, em termos cronológicos, é mais recente na língua. Esse quadro indica, corroborando com outros estudos, a existência que de um estágio avançado de mudança linguística da forma *você*. Segundo Rumeu (2013, p.559):

O emprego preferencial do **Tu**, estratégia de referência à segunda pessoa do discurso mais antiga no sistema pronominal do PB, proveniente do latim vulgar **Tu (nominativo)**, é entendido como um uso linguístico **conservador**. Por outro lado, a preferência pelo **Você**, estratégia pronominal inserida, gradual e paulatinamente (**Vossa Mercê** → **Você**), no sistema pronominal do PB, seria considerada como expressão de um comportamento linguístico **inovador**.

Como o foco desta pesquisa é outro e, também, dada a necessidade de um estudo mais minucioso sobre o tema, não é possível, neste momento, aprofundar essa questão, embora reconheçamos sua importância. Dessa forma, com base na literatura consultada, concebemos as duas variantes como *padrão*, embora conjecturemos que o maior prestígio é, em algumas situações, dirigido ao pronome *você*, mesmo sendo este a forma tida como inovadora.

Ao tratar de variedades padrão *versus* não padrão, outro conceito importante que emerge é o de *norma*, pois, não raramente, a ele, também, são dirigidas interpretações equivocadas. Para Coseriu (*apud* Arruda, 2022, p.175) a norma é um

elo interdependente que liga a língua e a fala. Além disso “a norma possui características impositivas, a partir das criações possibilitadas pelo sistema e que são repetidas por uma determinada comunidade linguística”. Esse conceito de norma proposto por Coseriu divide-se em dois tipos: objetiva e subjetiva. Sobre o assunto, Santos (2022, p.05) afirma que:

os padrões linguísticos característicos de uma determinada comunidade, isto é, os usos coletivos dos falantes dentro de um determinado espaço. Enquanto norma subjetiva definiu-se como o juízo de valor lançado sobre os falantes de uma determinada comunidade, visando examinar o desempenho linguístico dos mesmos, partindo de princípios prescritivos e idealistas [...] norma objetiva, relacionada com os padrões de usos linguísticos de uma comunidade, e norma subjetiva, referente ao sistema baseado no juízo de valor do desempenho linguístico dos falantes de uma dada comunidade.

Ainda, sobre o assunto, Celso Cunha (1985, p.52) afirma que “[...] a palavra norma costuma ser empregada em dois sentidos bem distintos: um, correspondente a uma situação objetiva e estatística, fruto da observação; outro, relacionado com uma atitude subjetiva, envolvendo um sistema de valores.”

Diante do exposto, entendemos que a norma objetiva se refere ao vernáculo, à língua, efetivamente, falada no dia a dia, ou seja, à(s) norma(s) culta(s), semiculta(s) e coloquial(ais). Já, a norma subjetiva diz respeito àquela norma imposta por gramáticas tradicionais e escritores literários que idealizam a forma “correta” de falar.

2.3 DEFINIÇÕES GRAMATICAIS DE PRONOMES

Antes de contextualizarmos historicamente, de forma breve, os pronomes *tu* e *você*, apresentamos definições gerais sobre a classe dos pronomes, conforme alguns gramáticos. Segundo Bechara (2019, p.178), o pronome

é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Ou seja, de acordo com o gramático, o pronome é uma classe de palavras que, sozinhas, possuem sentido completo, não precisando de um complemento para serem

entendidas. Segundo Bechara (2019), os pronomes pessoais designam as *duas pessoas* (eu/nós; tu/vós) do discurso e a *não pessoa* (não *eu* ou *tu*), considerada, pela tradição, a 3ª pessoa (ele/ela; eles/elas), ou seja, *a pessoa de quem se fala*. O gramático, também, comenta sobre as formas de tratamento indireto, que consiste em usar o pronome de 2ª pessoa com um verbo conjugado em 3ª pessoa, chamadas de formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento.

Da mesma forma, Cunha e Cintra (2016) e Cegalla (2020) afirmam que os pronomes podem desempenhar nas orações funções parecidas às desempenhadas por elementos nominais como, por exemplo, o substantivo, determinando ou indicando a pessoa do discurso. De acordo com os autores, os pronomes pessoais também podem representar uma forma nominal já expressa quando estiverem em 3ª pessoa ou variarem de forma de acordo com a função que desempenham na oração ou a acentuação que recebem.

Loregian-Penkall (2004, p.25), por sua vez, ao levantar a problemática da definição de pronomes, proposta pelas gramáticas em geral, critica a forma tradicional como alguns gramáticos e dicionários classificam o pronome como *uma palavra utilizada para substituir um nome*. Para ela, essa categorização é inadequada, pois outras classes gramaticais como, por exemplo, o advérbio ou o numeral também podem ser usados para substituição e nem por isso são classificados como pronomes. Para a autora:

etimologicamente o termo pronome nos remete ao latim *pronomen* em que há a junção da preposição *pro* mais o substantivo *nomen* e cujo significado é: "em lugar do nome". Tal acepção tem sido objeto de muitas reflexões e equívocos, uma vez que tem sido invariavelmente (salvo pequenas variações) aplicada às definições das gramáticas tradicionais (*doravante* GTs). (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.25)

Em face dessas questões, Loregian-Penkall (2004) afirma, em sua tese, que é necessário que haja um estudo mais aprofundado em relação a essa classe de palavras e o seu uso, para assim chegar a uma definição exata e apropriada.

Nesta seção, apresentamos, de forma geral, o conceito de pronome de acordo com algumas gramáticas. No entanto, é importante frisar que, apesar de exemplificarmos as diferentes funções dos pronomes em orações, neste estudo abordaremos os pronomes pessoais apenas em posição de sujeito. Feito isso, na

seção 2.4 traçamos um breve resgate histórico sobre os pronomes que são foco deste estudo.

2.4 PERCURSO HISTÓRICO DOS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA

No português brasileiro, pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas (MOTA, 2008; ALERS 2011; COSTA, 2013; CARDOSO et al., 2014; SCHERRE, 2015) atestam que os falantes utilizam tanto o pronome pessoal do caso reto *tu* quanto *você* para se referir a segunda pessoa (P2) do discurso. Como é sabido essas duas formas são usadas, no nosso vocabulário, há muito tempo. Conforme indicam os estudos, na tradição lusitana, o uso de uma forma ou outra dependia do contexto ou do grau de intimidade entre os falantes. Já, atualmente, no Brasil, a alternância desses pronomes parece estar condicionada, preponderantemente, pelo fator regional.

Sobre o pronome *você*, Faraco (1996) afirma que, na Europa, a partir do século XIV, especialmente no século XV, surgiram formas de tratamento para se referir, inicialmente, de maneira exclusiva ao rei. Essas formas apresentavam a seguinte estrutura: *Vossa + N* (*vossa mercê*, *vossa senhoria*, *vossa alteza*, entre outros). As formas de tratamento, introduzidas no português para se referir apenas ao rei, ocorreram devido às mudanças que aconteceram na Europa ocidental, a partir do século XII.

Nessa época, em razão do crescimento do artesanato e de atividades comerciais, a Europa desenvolveu novas características como, por exemplo, a origem da burguesia, classe que disputaria em aspectos políticos e econômicos com a nobreza. Na metade do século XIV, a riqueza da nova classe havia crescido bastante, o que a tornou rival da nobreza em relação ao poder político. Em 1383, a burguesia apoia João de Avis, que se torna o rei João I (1383-1433) e, como consequência, a antiga nobreza, que apoiava Leonor Telles, é destituída, dessa forma a alta burguesia torna-se a nova aristocracia, aumentando seu poder econômico e transformando Portugal no primeiro império.

É a partir desse momento que a nova aristocracia propõe mudanças na sociedade, sendo uma delas a inserção da forma de tratamento do interlocutor, ou seja, como as pessoas deveriam se referir ao rei. De acordo com Faraco (1996, *apud* Santos Luiz), em 1331, no texto das Cortes, foi utilizada a forma de tratamento *vossa mercê*, que se acredita ser a forma de tratamento seja a mais antiga. Sobre o tema, Faraco (1996, p.58) salienta que:

foi durante o século XV, como consequência das novas relações sociais construídas na corte, que essa prática tornou-se dominante e novas formas de tratamento do rei rapidamente se multiplicaram, especialmente durante o longo reinado de Afonso V (1438-1481). Em 1434, *Vossa Senhoria* ocorreu pela primeira vez nos textos das Cortes; em 1442, *Vossa Majestade*; em 1450, *Vossa Alteza*; e, em 1455, *Vossa Excelência*.

As formas que, inicialmente, foram criadas com o intuito de se referir apenas ao rei, com o passar dos anos, começaram a ser usadas, também, para se referir a pessoas que faziam parte de um grupo restrito, quando determinada forma se expandia e passava a ser utilizada de forma geral por pessoas de fora do círculo, era substituída por outra.

Segundo o autor, durante os séculos, *vossa mercê* foi sendo substituída por outras formas e todas passaram pelo processo de simplificação fonética até chegar no *você*, forma que, em meados dos séculos XVII e XVIII, já estava se expandindo e que continua presente na fala até os dias de hoje.

Sobre o pronome *tu*, os estudos não indicam questões históricas que apontem para mudanças de ordem evolutiva. Sabe-se, apenas, que sua origem remonta ao latim e que é usado desde o galego-português.

Sobre o uso dos pronomes em questão, nas gramáticas tradicionais, encontramos apenas alguns trechos breves, ou seja, nada que aborda profundamente as suas origens e/ou os seus usos. Sobre o tema, Cunha e Cintra (2016, p.306), por exemplo, afirmam que:

no português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

Os autores afirmam que as duas formas são utilizadas no país, porém o *você* abrange uma maior extensão territorial. O linguista Teyssier (1980, p.70) ressalta que “o português do Brasil simplificou, igualmente, o código do tratamento. Como em Portugal, o *vós* desapareceu, mas o *tu* sobrevive apenas no extremo sul e em áreas não suficientemente delimitadas do Norte”.

Sobre o pronome *tu*, Scherre et al (2015, p.170) ponderam que:

pode ser de uso extremamente natural, índice identitário da comunidade, em diversas localidades do grande território brasileiro, com possibilidade de concordância, em maior ou menor grau, a depender da formalidade da interação ou da escolaridade do falante. [...] Por outro lado, o “*tu*” pode ser, em primeiro plano, marca internacional, sem absoluta possibilidade de concordância, como se observa no Rio de Janeiro e também em Santos, em diversas localidades da Bahia e, agora, no século XXI, na Grande Brasília, onde o “*tu*”, surpreendentemente, se instaura e se expande.

Ainda sobre o assunto, Bechara (2019, p.182) faz a seguinte observação: “*Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como plural de *tu*”. Além disso, o gramático ressalta que, nas formas pronominais de tratamento ou formas substantivas de tratamento, que consiste em usar um pronome de 2ª pessoa com o verbo conjugado em 3ª pessoa, utiliza-se *você/vocês* no tratamento familiar e *senhor/senhora* em tratamento cerimonioso.

Para Cunha e Cintra (2016, p.308) *você*, *o senhor/a senhora* e *vossa excelência* são formas utilizadas como pronomes pessoais. Além disso, os autores fazem a seguinte observação:

o pronome *tu* era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento caiu em quase total desuso e, hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, é a forma *o senhor* que, na referida situação, se usa com este valor.

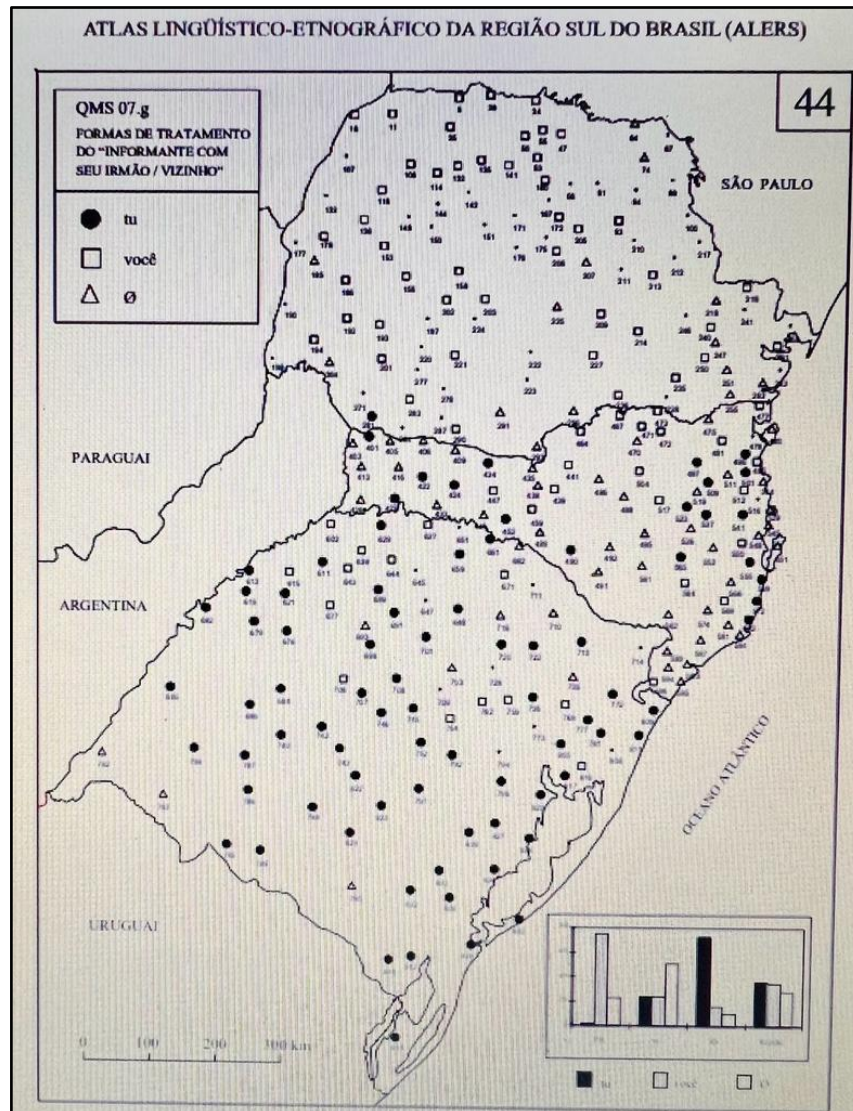
Em suma, é possível verificar, nos dias de hoje, que tanto o *tu* quanto o *você* não são mais usados para indicar uma relação hierárquica entre superior e inferior, essas formas foram substituídas por *o senhor/ a senhora* como demonstração de respeito, usados, principalmente, para se referir a pessoas idosas.

Nesta seção, foi traçado um breve percurso histórico sobre os pronomes *tu* e *você* com base em algumas considerações encontradas em gramáticas e estudos aos quais tivemos acesso. Terminado esse resgate, no tópico 2.5, apresentamos algumas pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas sobre o tema.

2.5 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS SOBRE OS PRONOMES *TU* E *VOCÊ*

Dentro dos estudos dialetológicos, selecionamos, inicialmente, dadas as suas importância e abrangência, três mapas linguísticos que tratam da distribuição geográfica dos pronomes *tu* e *você*: os dois primeiros do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS* (MERCER, 2011); o segundo, do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB* (CARDOSO, et al., 2014, p. 349).

Figura 1 – Carta 44 do ALERS (formas de tratamento do informante com seu irmão/vizinho)



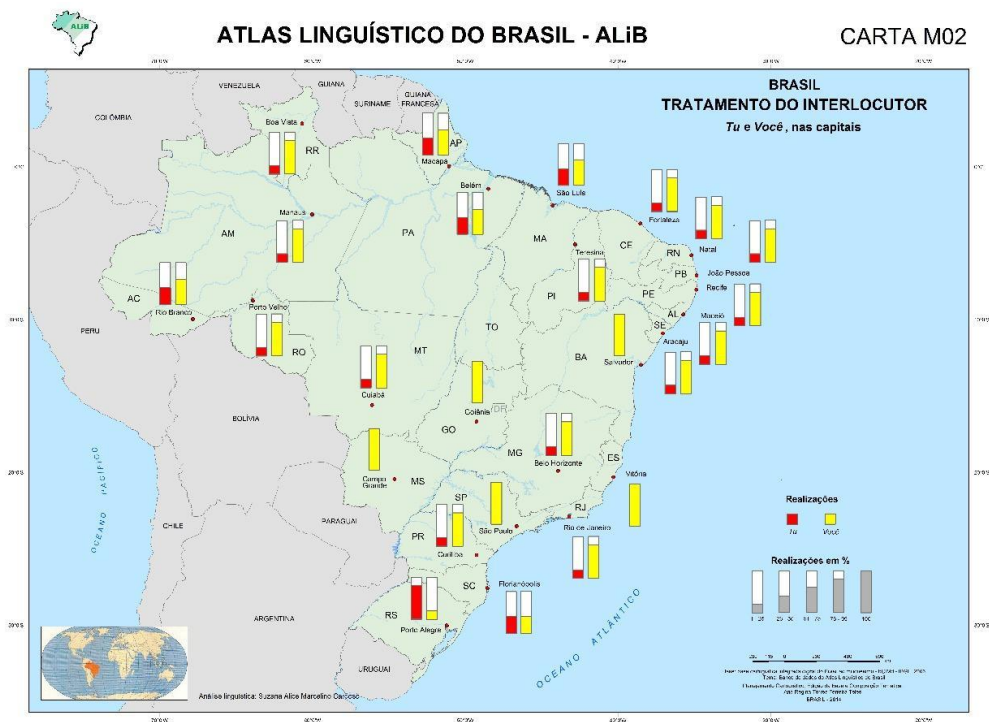
Fonte: KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo. (orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011, p.401.

A carta 44 do ALERS apresenta o uso das formas de tratamento entre “informante e irmão/vizinho”, na região Sul, abrangendo os três estados, ou seja, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para ler a carta, conforme a legenda, o formato de círculo faz referência ao pronome *tu*; o quadrado à forma *você* e o losango indica a não obtenção do item (referente zero). Dito isso, verificamos que na parte sul, do Rio Grande do Sul, ocorre predominantemente o pronome *tu*, com algumas ocorrências esparsas do *você* no norte do estado, na divisa com Santa Catarina; neste

Como é possível verificar, a forma *senhor*, representada pela figura do losango, foi a mais recorrente quando o informante se imagina numa conversa com o prefeito do município, o que leva a inferir que, em situações mais formais e/ou que exigem uma hierarquia de papéis sociais mais marcados, os falantes tendem a substituir tanto a forma *tu* quanto *ocê* pelo *senhor*.

A figura 3 apresenta a carta M02 do ALiB que, por sua vez, traz a distribuição das formas *tu* e *ocê* por todo o Brasil, com base em dados coletados nas capitais de cada estado.

Figura 3- Carta M02 do ALiB: *tu* e *ocê*, nas capitais



Fonte: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil - Vol. 2 (cartas Linguísticas)*. Londrina: EDUEL, 2014b

Ao analisar o mapa da distribuição do uso dos dois pronomes nas capitais do país, constatamos que, apenas em Porto Alegre, o uso da variante *tu* é maior do que o *ocê*. Em Florianópolis, os dois pronomes aparecerem em coocorrência e, no Paraná, assim como registrado pelo ALERS, a preferência é pelo pronome *ocê*. Da mesma forma, no restante das capitais o uso do *ocê* se sobressai, embora o *tu* também seja utilizado pelos falantes. Os dados da carta, representados por gráficos,

revelam, de forma geral, que o pronome *você* é predominante em todas as capitais, exceto na capital gaúcha.

Além dos estudos regional e nacional apresentados, contamos com várias pesquisas de menor domínio que se debruçam sobre a temática. Dentre elas, citamos Costa (2013) que pesquisou, em sua dissertação, a *Variação dos pronomes tu/você nas capitais do norte*, Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Para tanto, o pesquisador inquiriu oito (08) falantes de cada capital, de ambos os sexos, a partir de entrevistas de fala espontânea, por meio dos *Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). A partir desse *corpus*, Costa (2013) concluiu, assim como aponta a carta do ALiB (figura 3) que, nas seis capitais do Norte, há a alternância dos dois pronomes. Além disso, o autor constatou que os fatores escolaridade (nível Fundamental) e sexo (masculino), embora com pesos relativos não muito expressivos, demonstraram favorecer o uso do *tu*.

O Jornal Hoje, da emissora de TV Rede Globo, desenvolveu, também a partir do ALiB, uma série de reportagens sobre a variação linguística no Brasil, na qual uma das reportagens aborda o uso desses pronomes nas capitais brasileiras. Dentre as informações oferecidas pela série é apresentado que, na cidade de Porto Alegre-RS, a cada 10 pessoas, 60% utilizam o *tu*, ficando em primeiro lugar no *ranking*. Já em segundo, os catarinenses e maranhenses estão empatados¹.

Na pesquisa de Mota (2008), *A variação dos pronomes tu e você no português oral de São João da Ponte (MG)*, feita com 24 informantes do Ensino Fundamental, divididos em faixas etárias diferentes, foi verificado que, apesar de existir variação entre as duas formas, o pronome *tu* é favorecido em relações de mais intimidade e na faixa dos jovens, entre 15 e 25 anos.

Já, Scherre et al (2015) compilaram, em um estudo, dados de diversas pesquisas feitas ao longo dos anos sobre o uso destes pronomes. Ao analisarem os resultados, as autoras propuseram o estabelecimento de seis subsistemas de padrão de uso desses pronomes, são eles: i) *só você*; ii) *mais tu com concordância baixa*; iii) *mais tu com concordância alta*; iv) *tu/ você com concordância baixa*; v) *tu/ você com concordância média* e vi) *você/tu sem concordância*.

¹ Para saber mais sobre as reportagens, acesse o link: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>.

Segundo as autoras, o subsistema *só você* é suprarregional, porém se concentra mais na área central do país; *mais tu com concordância baixa* é encontrado nos extremos Norte e Sul; *mais tu com concordância alta* é encontrado nas regiões Norte (Pará) e Sul (Santa Catarina); *tu/você com concordância baixa*, nas regiões Nordeste e Sul; *tu/você com concordância média*, nas regiões Nordeste, Norte e Sul e *você/tu sem concordância* é encontrado em todas as regiões, menos no Sul do país.

Loregian-Penkal (2004), em sua tese de doutorado denominada *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*, analisou a alternância dos pronomes *tu/você* na fala de informantes dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, do *corpus* VARSUL e, também, de informantes de Ribeirão da Ilha, *corpus* de Brescancini (1996).

Para a pesquisa, a autora analisou os seguintes condicionadores externos: faixa etária (25 a 49 anos; mais de 50 anos); escolaridade (três níveis: primário, falantes que tenham cursado de 4 a 5 anos de escola; ginásio, pessoas que frequentaram de 8 a 9 anos de escola e colegial, indivíduos que tenham cursado de 10 a 11 anos de escola) e sexo (masculino e feminino). Foram feitas 24 pesquisas em cada cidade, totalizando 203 informantes.

A partir dessa pesquisa a autora concluiu que nas cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Chapecó há o uso do *tu* como marca de identidade e valor regional, porém os falantes não conjugam o verbo em 2ª pessoa, além de preencherem o pronome sujeito. Em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, os resultados mostram que a marca de identidade dessas regiões é a presença da conjugação do verbo em 2ª pessoa e, por fim, são os falantes de Lages e Blumenau que utilizam mais o pronome *você*. Em relação aos fatores sociais, a autora constatou que há o favorecimento da primeira faixa etária no uso do pronome *tu*.

A abordagem dos trabalhos apresentados nesta seção, pautados na Dialetologia e na Sociolinguística, demonstram a coocorrência dos pronomes estudados, bem como os fatores extralinguísticos que podem influenciar nesse processo. A presente pesquisa, conforme já explanado, segue esse mesmo objetivo, porém, com base na fala bageense e, é claro, levando em conta que a norma objetiva dessa comunidade linguística, no que diz respeito ao pronome pessoal do caso reto, é o *tu*. Na seção intitulada *Metodologia*, é descrito o caminho percorrido para o cumprimento desse objetivo.

3 METODOLOGIA

A fim de cumprir os objetivos propostos, nesta pesquisa, com base nos pressupostos da Sociolinguística, foram entrevistados oito (08) informantes de Bagé-RS² ou que tenham morado, no máximo, 1/3 da vida em outra cidade, estratificados da seguinte forma: por sexo, 4 homens e 4 mulheres; por faixa etária, faixa I (18 - 30 anos) e faixa II (50 - 65 anos) e por escolaridade, no máximo Ensino Fundamental completo e Ensino Superior (em curso ou completo). Na tabela, 1 são apresentados os informantes bem como as suas características.

Tabela 1 - Características dos informantes entrevistados

Faixa etária I	Faixa etária II
Informante 1 - Natural de Bagé, mulher, 21 anos, cursando Ensino Superior	Informante 2 - Natural de Aceguá (reside desde os 3 anos em Bagé), mulher, 54 anos, cursando Ensino Superior
Informante 4 - Natural de Bagé, homem, 22 anos, cursando Ensino Superior	Informante 3 - Natural de Bagé, homem, 68 anos, Ensino Fundamental Incompleto
Informante 5 - Natural de Bagé, mulher, 17 anos, Ensino Fundamental Incompleto	Informante 6 - Natural de Bagé, homem, 69 anos, Ensino Superior Completo
Informante 8 - Natural de Bagé, homem, 24 anos, Ensino Fundamental Completo	Informante 7 - Natural de Bagé, mulher, 50 anos, Ensino Fundamental Incompleto

Fonte: autoria própria

Para que a pesquisa pudesse ser feita, dentro dos parâmetros adotados, foi preciso delimitar a faixa etária e o nível de escolaridade. Devido a isso, a busca por

² Todos os entrevistados foram consultados quanto à autorização da gravação e todos a consentiram, antes do início da entrevista. Além disso, foram devidamente informados de que os seus dados pessoais (nome, endereço e telefone) não seriam publicados no trabalho ou em qualquer apresentação relacionada a ele.

entrevistados tornou-se mais difícil, visto que, para participar, o informante deveria ter os requisitos necessários, em razão disso, foi utilizado mais tempo do que o previsto para finalizar essa parte. Para encontrar informantes dentro do perfil traçado, utilizamos vários recursos, tais como: as redes sociais *instagram* e *twitter*; ir a uma das praças da cidade; solicitar ajuda aos outros entrevistados e, também, para pessoas mais próximas.

Selecionados os entrevistados, o próximo passo foi marcar o lugar para realizar a gravação. As entrevistas ocorreram em locais diferentes como, por exemplo, a casa da entrevistadora, a casa do informante, a universidade e em uma escola de Ensino Médio. Para a entrevista, foram elaborados e utilizados dois instrumentos de pesquisa: a ficha do informante (anexo 01) e um questionário contendo: i) uma pergunta referente a cultura gaúcha; ii) questões envolvendo situações formais e informais e iii) uma (01) questão direta sobre o uso do pronome *você*. A ficha do informante foi usada para mediar o primeiro contato entre entrevistador e entrevistado, além de poder contribuir na análise de dados, pois traz aspectos sociais do informante. Essa ficha foi elaborada com base nos *Questionários do Atlas Linguístico do Brasil* (COMITÊ NACIONAL, 2001) e adaptada para a presente pesquisa.

Já, o questionário utilizado na entrevista foi dividido em três fases: a primeira foi a gravação da fala do informante respondendo a seguinte pergunta sobre a cultura gaúcha: *Como é a preparação de um chimarrão? Caso o informante não soubesse responder, tínhamos duas questões como segundo plano, são elas: Como fazer um ótimo churrasco? E Qual receita típica, aqui do Sul, tu gosta de preparar?* O intuito dessas perguntas foi, de maneira mais espontânea, induzir o falante a usar uma das formas pronominais, ou seja, o *tu* ou o *você*. Na segunda parte da pesquisa, dessa vez semiespontânea, a entrevistadora solicitou aos informantes que imaginassem estar em determinada situação (previamente elaborada) e pediu para que eles fizessem alguma pergunta referente a uma situação dita por ela, com a intenção de que eles utilizassem uma das formas pronominais. Vale ressaltar que os informantes não sabiam do objetivo do trabalho e nem de que se tratava de situações formais e informais previamente elaboradas. Na tabela 2, apresentamos as questões que compõem essa parte da pesquisa.

Tabela 2 - Contextos formais *versus* informais para a recolha do uso dos pronomes.

Contexto formal	Contexto informal
1- Quando se está em uma entrevista de emprego e tu quer saber os dias de folga, como perguntar ao contratante?	2- Quando se vê um amigo com uma mala, como abordar?
3- Quando se quer tirar uma dúvida com o professor a respeito das provas, como abordar?	4- Quando tu estás em um churrasco em família e queres o refrigerante, como pedir para te alcançarem?
5- Quando se está em um tribunal de justiça e tu quer tirar uma dúvida, como se reportar ao advogado?	6- Quando se está em uma mesa de bar com os amigos, vê que tua amiga está com uma camiseta bonita, como perguntar onde ela comprou?

Fonte: próprio autor.

A terceira e última parte da pesquisa consistiu em uma pergunta direta sobre o uso do pronome *ocê*. Isto é, foi perguntado aos informantes se eles usavam o pronome *ocê* em algum momento. O intuito de fazer essa pergunta diretamente foi o de entender o porquê de o entrevistado usar ou não usar essa forma pronominal. É importante mencionar que essa etapa foi deixada por último para não ter a possibilidade de influenciar no resultado das questões anteriores.

Por fim, o *corpus* contempla oito entrevistas que perfazem o total de 76 minutos divididos em gravação e preenchimento da ficha do informante. Após a coleta dos dados, foram feitas as transcrições das frases e o levantamento quantitativo dos pronomes em pauta.

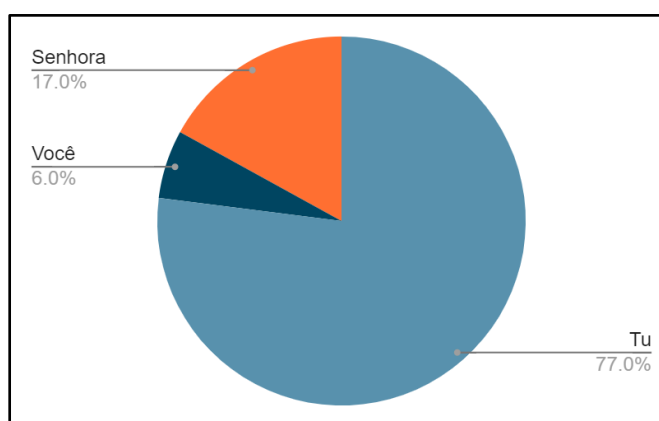
Feito isso, o material foi analisado de forma quantitativa, ou seja, as ocorrências foram levantadas, quantificadas e apresentadas por meio de gráfico e tabelas. Já, para a análise qualitativa, os números foram relacionados à luz do referencial teórico adotado. Ainda, para a análise qualitativa, foram levados em conta os comentários

que alguns informantes fizeram após o fim da gravação, pois estes apresentavam um material interessante e oportuno para o objetivo deste trabalho.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos resultados obtidos na pesquisa³ e, para tanto, utilizamos excertos da fala dos informantes. Por meio das entrevistas realizadas, obtivemos, ao todo, 46 ocorrências dos pronomes em posição de sujeito, a saber: *tu* (35), *você* (3) e *senhora* (8). No gráfico 1, apresentamos o percentual de uso de cada pronome, no contexto geral, levando em conta todas as etapas da pesquisa.

Figura 4 – Gráfico 1 - Uso geral das formas pronominais



Fonte: próprio autor.

Conforme indicam os números do gráfico 1, o pronome *tu* (77%), como esperado, foi o mais utilizado pelos falantes; seguida da forma *senhora* (17%) e, por último, do *você* com apenas 6% de ocorrência. Esses números indicam que entre os pronomes *tu* e *você* não houve variação. Vale mencionar que as três ocorrências da forma *você* são provenientes do mesmo informante, portanto, não há atuação dos fatores externos. No entanto, é importante ressaltar que, embora não tenha tido variação entre esses pronomes, houve variação entre *tu* e *senhora*, já que este passou a ser utilizado em situações formais no lugar daquele. Esse resultado demonstra que o fator externo determinante é a região. Ou seja, conforme demonstramos na

³ É importante ressaltar que os dados obtidos com a ficha do informante não se mostraram relevantes para a análise, dada a não variação entre os pronomes estudados. Dessa forma, trabalhamos apenas com os resultados obtidos por meio do questionário descrito na *Metodologia* deste trabalho.

fundamentação deste estudo, o estado do Rio Grande do Sul, sobretudo a metade sul, é uma área de abrangência praticamente exclusiva desse pronome.

Na tabela abaixo, apresentamos o número de ocorrências dos três pronomes nas três etapas do questionário.

Tabela 3 – Número de ocorrências dos três pronomes nas etapas do questionário.

Etapas da pesquisa/ Variantes	Tu	Você	Senhora	Total
Espontânea	12	0	0	12
Semiespontânea – contexto informal	19	2	0	21
Semiespontânea – contexto formal	4	1	8	13
Total	35	03	08	46

Fonte: próprio autor.

Ao analisar os dados de acordo com cada parte da pesquisa, conforme a tabela 3, verificamos que, na primeira etapa do questionário, ou seja, durante o momento mais espontâneo, os falantes utilizaram apenas o pronome *tu*. Para exemplificar, apresentamos, abaixo, dois trechos das entrevistas do informante 1 (mulher jovem com Ensino Superior) e do informante 3 (homem idoso com Ensino Fundamental Incompleto), respectivamente:

- tu vai pegar né e aí tu vai pegar a tua cuia, tu vai colocar ela até uma parte uns $\frac{3}{4}$ de erva, aí tu vai virar ela com a palma da tua mão [...] e aí tu vai inclinar ela [...] e aí tu vai colocar a bomba e vai colocar um pouco de água quente com água fria, tu vai deixar a erva absorver aquilo ali [...] aí sim tu pode começar a fazer teu chimarrão.

- [...] aí tu coloca no fogo e segue cuidando para não queimar [...] e aí tu vai olhando a carne porque às vezes tem uma carne mais grossa⁴...

Na segunda etapa do questionário, que ocorreu de forma semiespontânea, as situações já estavam previamente elaboradas e os informantes deveriam se imaginar nelas para respondê-las, de acordo com o contexto apresentado pela entrevistadora. Como mencionado na *Metodologia*, eram seis contextos ao total, sendo três formais e três informais. Nestes, os falantes usaram predominantemente o *tu* (19) e apenas

⁴ Todas as falas foram transcritas exatamente como foram ditas pelos falantes nas gravações.

duas vezes o pronome *você* , enquanto naqueles, além do *tu* (4) e do *você* (1), o pronome de tratamento *senhora* (8) também foi utilizado. Abaixo, são apresentados alguns excertos que demonstram o uso desses pronomes nos contextos informais e formais, respectivamente.

Situação 2 (informal)- O falante precisava se imaginar em uma situação que estivesse conversando com uma amiga e deveria perguntar o porquê dela estar com uma mala. Nesse caso, o *tu* foi utilizado dez (10) vezes, enquanto o pronome *você* foi dito apenas uma (01) vez.

- *Tá e aí, aonde é que **tu** tá indo? pra onde **tu** vai?* (informante 1);

- *Tudo bom, meu amigo? Pra onde é que **você** vai viajar?* (informante 8).

Situação 4 (informal) - O falante deveria pedir para que alcançassem o refrigerante para ele, em uma situação familiar. Neste cenário, foi usado somente o pronome *tu* , ocorrendo (02) vezes.

- *Por favor, Giovana, seria possível **tu** me alcançar o refri?* (informante 2);

- *Por favor, **tu** me alcança o refri?* (informante 7).

Situação 6 (informal)- Os falantes deveriam perguntar o local em que alguma pessoa comprou determinada coisa. Nesse caso, o pronome *tu* ocorreu oito (08) vezes, enquanto o *você* , apenas uma (01).

- *Ai que bonita essa camiseta, onde é que **tu** comprou?* (informante 5)

- *Onde é que **você** comprou?* (informante 8)

Situação 1 (formal)- Pedia para o falante se imaginar em uma entrevista de emprego e tirar alguma dúvida sobre o trabalho com a contratante, o pronome *tu* apareceu três (03) vezes, enquanto, *senhora* apenas uma. A forma *você* não foi utilizada.

- *Eu tenho uma dúvida que eu quero que **tu** me esclareça, eu gostaria de saber a respeito das férias [...] **tu** vai me dar 15 dias...* (informante 2);

- *Gerente, por gentileza, eu gostaria que a **senhora** me explicasse quais são os meus turnos de serviço, qual é o meu horário de trabalho, que horas que eu inicio, que horas que eu termino e quais seriam os dias da semana que eu folgaria* (informante 6).

Situação 3 (formal)- O entrevistado deveria sanar uma dúvida com a professora. Nesse contexto, o pronome *você* foi utilizado apenas uma vez (01), já, o pronome de tratamento *senhora* ocorreu quatro (04) vezes. Nesta situação, não houve ocorrência do pronome *tu*.

- *Professora, não entendi o que tá escrito ali no quadro, a **senhora** pode me explicar de novo?* (informante 4);

- *Professora, que dia **você** vai entregar as provas?* (informante 8).

Situação 5 (formal)- O entrevistado deveria perguntar a advogada que horas acabaria a audiência. Para esta pergunta, registramos duas (02) ocorrências do pronome *tu* e três (03) do pronome de tratamento *senhora*. Já o pronome *você* não foi utilizado.

- ***Tu** sabe que horas acaba a audiência mais ou menos?* (informante 7);

- *Doutora, por favor, a **senhora** poderia me dizer que horas termina essa audiência?* (informante 6).

Conforme indicam os dados e, corroborando com Cunha e Cintra (2016), bem como com a carta 47 do ALERS (figura 2), o pronome de tratamento *senhor(a)* é usado em situações em que o falante estabelece uma hierarquia com o seu interlocutor. Quanto ao uso do *você*, embora sua ocorrência seja tímida, verificamos que existe, na norma subjetiva de alguns entrevistados, a concepção de que esse pronome é mais “correto” ou mais “culto” em determinadas situações. Essa assertiva é amparada pelo próprio depoimento de alguns informantes que, após o encerramento da entrevista, foram informados do objetivo desta pesquisa. Tais comentários serão apresentados e analisados, no final desta seção.

A terceira e última etapa do questionário consistia numa pergunta direta sobre o uso do pronome *você*. Isto é, os entrevistados deveriam comentar sobre o porquê de usar ou não essa forma pronominal.

Os informantes 3 (homem, 68 anos, Ensino Fundamental Incompleto), 7 (mulher, 50 anos, Ensino Fundamental Incompleto) e 8 (homem, 24 anos, Ensino Fundamental Completo) afirmaram que não utilizam o pronome *você* em nenhum momento, pois alegam não serem *acostumados com essa forma* e que, dependendo da situação, se for mais formal, usam o pronome de tratamento *senhora/senhora*.

Já, a informante 1 (mulher, 21 anos, Ensino Superior) afirmou nunca usar o pronome no dia a dia. Porém, recorre à forma *você*, esporadicamente, quando está conversando com alguém de outro estado, em situações formais ou quando está escrevendo um trabalho da universidade.

O informante 4 (homem, 22 anos, Ensino Superior) mencionou que utiliza o pronome *você* em textos acadêmicos e quando está conversando com amigos de outro estado, todavia, em seu cotidiano, usa o pronome *tu*. O falante 6 (homem, 69 anos, Ensino Superior) relatou que usa o *você*, eventualmente, em ocasiões mais formais ou quando está conversando com alguém com quem não tem tanta intimidade.

A entrevistada nº 2 (mulher, 54 anos, Ensino Superior) afirmou que só utiliza a forma *você* quando está conversando com alguém que não tem intimidade. Por fim, a informante 5 (mulher, 17 anos, Ensino Fundamental Incompleto) relatou que utiliza raramente o pronome em questão, quando está conversando com alguém por redes sociais, mas, no dia a dia utiliza o *tu*.

Esta parte da pesquisa demonstra que, embora os falantes não utilizem o pronome *você*, pois o *tu* é a marca regional da cidade, quando estão diante: de uma situação formal; conversando com pessoas que não possuem intimidade; em contato com pessoas de outro estado e na escrita de trabalhos da universidade, acabam recorrendo ao pronome *você*, conforme apresentam as respostas. Isso pode apontar para uma crença de que esse pronome seria o mais adequado a essas situações.

Além disso, é interesse destacar que, exceto no caso da informante 5, os demais entrevistados, responsáveis por oferecerem essas respostas, têm ou estão cursando o Ensino Superior. Isso pode, talvez, explicar a avaliação social que parece existir em relação ao pronome *você*, dada a proximidade mais íntima que esses informantes têm com as questões de normatização da língua e pelos próprios espaços/atividades em que circulam(ram) nas suas vidas acadêmicas.

Ao final, quando os entrevistados foram informados do propósito da pesquisa, dois informantes fizeram comentários bem importantes não só para a pesquisa, mas também para refletirmos sobre como a sociedade pensa e se posiciona diante da

língua, sobre o falar “corretamente” imposto pelas gramáticas tradicionais, além da influência dos contextos sociais pelos quais os indivíduos circulam.

Acreditamos que tais relatos são importantes, pois evidenciam a consciência sociolinguística dos falantes. Ademais, comprovam que a norma objetiva é diferente da subjetiva, o que acarreta, via de regra, nas crenças e atitudes linguísticas dos indivíduos. A informante 7 (mulher, 50 anos, Ensino Fundamental Incompleto), por exemplo, relatou que, em determinada situação, em uma conversa com o seu chefe, que utilizou o pronome *você*, ela se referiu a ele pelo pronome *tu*. Depois disso, ela comentou que ficou pensativa a respeito da forma que se dirigiu a ele, inclusive, até pensou ter sido grosseira ao utilizar o pronome *tu*. Além disso, essa mesma informante, afirmou que o seu neto, de cinco anos, utiliza o pronome *você*, e que isso é uma surpresa para todos, pois a família utiliza o *tu* para se referir a alguém.

Outro exemplo sobre essa questão foi oferecido pelo informante 6 (homem, 69 anos, Ensino Superior) que, assim como a informante 7, também relatou que suas netas, de três anos, utilizam o pronome *você* em casa. Para ele, isso acontece pela influência que as crianças recebem tanto da escola, quanto das pessoas que frequentam esse local como, por exemplo, professores.

O informante 8 (homem, 24 anos, Ensino Fundamental Completo), por sua vez, o único a utilizar o pronome *você*, na etapa 3 do questionário, afirmou não usar essa forma no dia a dia e, ao ser questionado o porquê de ter utilizado na pesquisa, disse que devido a situação em que estava, ou seja, por estar participando de uma pesquisa para um trabalho da faculdade e por estar sendo gravado, sentiu-se em uma situação formal, portanto, decidiu utilizar o pronome *você*, pois achou que seria o correto.

Em suma, com esta pesquisa podemos verificar que o pronome pessoal do caso reto *tu*, típico da região Sul, é a norma objetiva na fala dos bageenses, independentemente do contexto situacional. Já, o pronome *você* faz parte da norma subjetiva e é utilizado em algumas situações pontuais que, ao que tudo indica, são avaliadas pela consciência sociolinguística dos falantes como mais “formais” e de “menos intimidade”.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo central verificar o uso das variantes dos pronomes de 2ª pessoa do singular, na posição de sujeito, na fala de Bagé, bem como os fatores extralinguísticos sexo, idade, escolaridade e contexto formal *versus* informal que poderiam atuar na escolha de um ou outro pronome. A partir das oito entrevistas realizadas com falantes da cidade, concluímos, como já era esperado, que o pronome predominante é o *tu*, usado por todos os informantes, o que comprova a determinação do fator regional.

Os demais fatores externos, diferentemente de outras pesquisas levantadas neste estudo, não se mostraram atuantes, haja vista a prevalência do *tu*. Mas, cabe ressaltar que, a depender da situação sociocomunicativa, os falantes utilizam o pronome de tratamento *senhor/senhora* em oposição ao *tu*. Todavia, destacamos que, dada a natureza deste estudo, ou seja, um trabalho de conclusão de curso, o *corpus* analisado é pequeno e isso pode ter inviabilizado resultados mais amplos e contundentes.

Das hipóteses aventadas, apenas a terceira, ou seja, *o pronome você recorre mais em contextos formais*, pode ser parcialmente verificada por meio da última etapa da pesquisa e, igualmente, pelos comentários dos entrevistados, uma vez que essa etapa revelou aspectos da consciência sociolinguística e da norma subjetiva que permeia o ideário linguístico dos falantes, pois, apesar de utilizarem o *tu* em seu vernáculo, eles acreditam que essa forma, dependendo da situação, pode soar como *grosseira ou não adequada*.

Diante disso, este estudo revela a importância do esclarecimento de conceitos como *certo versus errado*, oriundos, por sua vez, da forma equivocada de se entender *variante padrão versus variante não padrão*. Além disso, esta pesquisa demonstrou a importância e a necessidade de se entender a *norma objetiva e subjetiva* dos falantes a fim de compreender a variação linguística e os condicionadores que a cerca. Isso aponta para a necessidade de mais pesquisas na área que possam, inclusive, levar em conta uma possível mudança linguística na fala bajeense.

Por fim, acreditamos que trabalhos como este possam contribuir no combate ao preconceito linguístico e, claro, no entendimento mais amplo do português brasileiro, principalmente nas escolas, esclarecendo que existem diferentes maneiras de “falar a mesma coisa” e que isso não diminui a validade de nenhuma delas.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Jhoici Paulina de Oliveira; MARRA, Daniel. Os fatos da norma conforme a teorização de Eugenio Coseriu. **Revista Humanidades e Inovação**. Palmas, v.9, n.25, p.170-184, dez.2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8161>. Acesso em 28 de nov. de 2023.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S/A, 39ª ed., 2019.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil - Vol. 2** (cartas Linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 49ª ed., 2020.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2ª ed., 2015, p.141-155.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB (Brasil). **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001
- CONCEIÇÃO, da Silvano; SANTOS, do Mirian. O português é realmente muito difícil? Desmistificando o preconceito sobre a língua portuguesa à luz das teorias sociolinguísticas. **Revista Educere Et Educare**. Cascavel, v.17, n.44, p.106-122, set./dez.2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/29634>. Acesso em 28 de nov. de 2023.
- COSTA, Lairson Barbosa da. **Variação dos pronomes “tu”/”você” nas capitais do norte**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade do Pará. Belém, 2013.
- CUNHA, Celso. **A questão da norma culta**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Lexikon, 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **Revista Fragmenta**. Curitiba, n.13, 1996. p.51-82.
- FARACO, Carlos Alberto Faraco; ZILES, Ana Maria Stahl. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 1ª ed., 2015, p.19-30.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho da leitura. **Alfa: revista de linguística**. São Paulo, n. 67, 2021. p.1-27.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo. (orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil** – ALERS: cartas semântico-lexicais. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes “tu” e “você” no português oral de São João da Ponte (MG)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. In: **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 57(2), 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini. et al. São Paulo: Cultrix, 2006. *Ebook* (298 p.). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4622783/mod_resource/content/1/Saussure16CursoDeLinguisticaGeral.pdf. Acesso em 28 de nov. de 2023.

SCHERRE, Marta; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes “tu” e “você”. Em: MARTINS, Marco Antonio; ABRÇADO, Jussara. **Mapeamento siciolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, pág. 133-172.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática S.A., 1986.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Trad. de C. Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2014. *Ebook* (95 p.). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf. Acesso em 28 de nov. de 2023.

ZIMMERMAN, Ana. “Sotaques do Brasil” desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro. **Jornal Hoje**, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

ANEXO 1

FICHA DO INFORMANTE
Nº

Nome:		
Data de nascimento:		Idade:
Sexo:	Naturalidade:	
Idade que chegou à Bagé (caso não tenha nascido aqui):		
Escolaridade:		Profissão:
Naturalidade da mãe:		Naturalidade do pai:
Endereço:		
Nº de telefone:		
E-mail:		
Assiste TV? ()Sim ()Não ()Às vezes Se sim, o que?		
Acompanha mídias sociais? ()Sim ()Não ()Às vezes Se sim, qual(is)?		
Gosta de ler? ()Sim ()Não Se sim, o que?		
Tem o costume de viajar? ()Sim ()Não		
Tem o costume de ir ao cinema? ()Sim ()Não		
O que gosta de fazer nas horas livres?		
Local da entrevista:		
Cidade:	Data da entrevista:	Duração:
Observação:		